

INVENÇÃO DE ORFEU E O APOCALIPSE

Luiz Busatto
Universidade Federal do
Espírito Santo

A obra *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima continua desafiando a crítica com a sua monumentalidade de poema simbólico e hermético. No ano passado se publicou o livro *Montagem em Invenção de Orfeu*¹ que foi uma tentativa de explicar a organização do poema e, desta forma, abrir uma brecha para a sua maior compreensão e apreciação. No mencionado livro de crítica procura-se mostrar como a montagem, no seu sentido cinematográfico, é um recurso básico de composição usado por Jorge de Lima e como por aí se chega ao que quer dizer. No prefácio, o professor Gilberto Mendonça Teles discute a validade da intertextualidade, isto é, questões que dizem respeito à alusão, à paráfrase, à imitação, ao plágio e à própria montagem. São mencionados exemplos de montagem literária feita em cima de textos da *Divina Comédia*, do *Paraíso Perdido*, de *Os Lusíadas* e, sobretudo, da *Eneida* de Virgílio, mas ficou faltando um exemplo deste processo com a Bíblia. Volta-se ao assunto porque é ao texto sagrado que *Invenção de Orfeu*, talvez, mais deva de si. Este trabalho apenas confirma a intuição inicial a respeito do modo de composição literária utilizado em *Invenção de Orfeu*, a montagem. A Bíblia que serviu de leitura para Jorge de Lima foi a católica, traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares. Isto se deduz do confronto de textos. Visa-se, em especial, a ilustrar a relação de *Invenção de Orfeu* com o último livro da Bíblia, o *Apocalipse*, ressaltando a importância, em literatura, não só do significado mas, também, do significado, do símbolo e da sacralidade da mensagem.

1. O "Apocalipse" de São João

O livro do Apocalipse de São João é o último livro da Bíblia e foi escrito pelo apóstolo na ilha de Patmos para onde

fora exilado no ano 96 d. C. É um livro profético, dos mais difíceis de ser interpretado, cheio de visões e símbolos e daí a sua obscuridade. Sua leitura deve ser integrada à leitura e compreensão dos demais livros do Antigo e do Novo Testamento. Apesar desta dificuldade, o *Apocalipse* tem como temática principal a segunda vinda de Jesus Cristo para o juízo final, no fim dos séculos. É neste ponto que o *Apocalipse* vai interessar a *Invenção de Orfeu*. Sendo esta muito extensa, é uma verdadeira montagem da cultura universal. Exige do leitor bagagem cultural e índice informativo de leitura de livros. A todo o momento o autor reporta-se a livros e temas da literatura universal. O leitor se vê, constantemente, diante de palavras e nomes cujo sentido é ampliado e enriquecido pelo processo alusório. Mais: o diálogo *Invenção de Orfeu/ Apocalipse* é mais do que alusão e paráfrase, quando se utiliza do processo de montagem, apropriando-se de fragmentos do texto bíblico para compor o texto poético. A distinção que Jorge de Lima tenta fazer é que *Invenção de Orfeu* é uma visão terrena e o *Apocalipse*, uma visão sacrossanta da mesma verdade realizada. "Poetar é copiar o texto original, que está inscrito no livro da memória",² concepção muito parecida à de Dante Alighieri.

2. A Descrição do Juízo Final

O tema do juízo final é tratado nas 38 últimas estrofes do canto VIII de *Invenção de Orfeu*. Estes 228 versos em sextilha formam um todo uniforme e o autor anota à margem do poema as palavras "conceito litúrgico", dividindo o último trecho da "Biografia" e apresentando um panorama do Juízo Final. Não se tem notícias, entre os poetas do modernismo, de alguém que tenha tentado repetir, em literatura, o painel do juízo final, como se fez com a pintura na Capela Sistina. Esta tentativa foi realizada por Jorge de Lima, sem pompa escatológica, nem retórica literária como se lê, por exemplo, em Giovanni Papini. Neste final do canto VIII desfila o poeta-herói — o anti-herói das epopéias sem as bazófilas das aventuras façanhosas — e desfilam todos os seres que compõem o universo de sua memória. Mario Faustino³ acha este canto de "uma intolerável monotonia" e cita o verso "e Dona Júlia minha arrumadeira" como sendo o "impossível mau gosto". Não se apercebeu que, neste juízo final, Dona Júlia desfila entre heróis, o Sargento Tempestade, D. João VI, grandes senhores, e que, dispensar a arrumadeira seria esquecer uma ligação do poeta com o seu elemento terrestre, seria descompor o fato escatológico. Dona Júlia é apenas uma das comadres que esqueceram o avental

"e aqui estão meio tímidas, de côcoras
aguardando o chamado das trombetas".

Dentro de uma visão integral, não há nada a tirar nem por, nem nada de mau gosto. Uma leitura linear das trinta e oito últimas sextilhas põe o leitor diante de um painel, não só da cultura, mas também da interioridade anímica de Jorge de Lima. Se por um lado funciona a "enumeração caótica", ela não destrói a regularidade estrutural que compõe este final, de nenhum modo barroco. Jorge vai do genérico ao particular. Anuncia o juízo final, apresenta o cenário, o Juiz, a diversidade dos figurantes, o demônia e, enfim, o poeta: "Nós aqui olhando olhos que nos viram."

Do ponto de vista morfossintático, este painel do juízo final é também unitário. Observa-se um reduzido número de verbos por estrofe. São 85 na forma flexiva e 95 nas formas nominais de gerúndio e participio. Juntas, as formas verbais, são inferiores, numericamente, aos versos. Isto significa um predomínio de nomes e frases nominais sobre os verbos, isto é, há um predomínio da estaticidade sobre a dinamicidade. O juízo final se apresenta mais como uma descrição do que narração. É o grande painel do juízo final. Existe uma curiosidade nas sextilhas que possuem maior número de verbos, são aquelas em que se utilizam fragmentos do **Apocalipse**. É o que se pode ler, a seguir, nos textos paralelos seguidos de um breve comentário. A montagem se pratica em apenas 8 das 38 sextilhas, número suficiente para mostrar o débito de um texto para com o outro.

Manicômios, inseminados, monstros,
pederastas, mendigos, jogadores,
desmemoriados, curas, vaticanos,
em frente ao trono de
trovões e vozes,
um como mar de vidro
e em torno um leão,
um de cara humana,
um novilho e uma águia.

IO. VIII, estrofe 361

5 E do trono saíam relâmpagos e vozes, e trovões; e diante do trono (estavam) sete lâmpadas ardentes, que são os sete espíritos de Deus. 6 E em frente do trono (havia) um como mar de vidro semelhante ao cristal; e no meio do trono, e em volta do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás. 7 E o primeiro animal (era) semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um novilho, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

Apocalipse 4. 5-7

E ninguém que pudesse abrir o Livro e desatar os sete selos. Digno és Senhor desse Livro receber e desatar os selos, porque morto nos resgataste para Deus com sangue, língua, povo e nação. Eternidade.

IO. VIII, estrofe 362

3 E ninguém podia, nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, abrir o livro, nem olhar para ele. (...) 5 Então um dos anciãos disse-me: Não chores; eis que o leão da tribo de Judá, a estirpe de Davi, venceu de maneira a poder abrir o livro e desatar os seus sete selos. (...) 9 e cantavam um cântico novo dizendo: Digno és Senhor, de receber o livro e desatar os seus selos; porque foste morto, e nos resgataste para Deus com o teu sangue, de toda a tribo, e língua, e povo, e nação;

Apocalipse 5. 3-9

Jorge Lima escreve o seu poema sem pensar ou sequer imaginar a complicada exegese bíblica de cada palavra, de cada símbolo. Se ele soubesse que trovões e relâmpagos, muitas vezes, precediam a teofania, isto é, a manifestação de Deus, como se lê em **Êxodo** 19.16 e **Ezequiel** 1. 4,13, se soubesse a relação do "mar de vidro" com as "águas superiores" de **Gênesis** 1.7, certamente sentiria temor em dessacralizar o texto bíblico. O elemento central da estrofe 361 é a menção aos quatro animais que, na tradição cristã, depois de Santo Irineu, passaram a ser símbolo dos quatro evangelistas. Assim, São Mateus é simbolizado por um anjo, São Marcos, pelo leão, São Lucas, pelo touro e São João, por uma águia. Esta profecia dos animais já está em **Ezequiel** 1.10.

Só entenderá **Invenção de Orfeu** quem tiver presente o texto da Bíblia na sua complexidade. A estrofe 362 se refere ao livro dos sete selos dado ao anjo entre as aclamações de toda a criação. Tanto ela como a anterior supõem a tradução da Bíblia feita pelo Pe. Matos Soares. O primeiro verso desta estrofe se liga ao versículo 3; o segundo verso, ao final do versículo 5; nos demais versos sintetiza e recorta, à vontade, o versículo 9. Este versículo 9 tem a curiosidade de começar com a expressão: "e cantavam um cântico novo" a mesma expressão tirada do profeta **Isaias** 42. 10, que serve de epígrafe à **Invenção de Orfeu**: "Eu anuncio coisas novas, ilhas cantai um canto novo", epígrafe, por sinal, resultante de uma montagem. O "cântico novo" da Bíblia, em diversas passagens celebra a nova libertação do povo de Deus e a ordem nova instaurada pelo Cordeiro imolado, Jesus Cristo. O "canto novo" de que fala Jorge de Lima é a sua epopéia, uma remontagem das formas.

A expressão "língua, povo e nação" é uma expressão estereotipada da universalidade. Ela se encontra mais quatro vezes

no **Apocalipse**, em 7.9, em 13.7, em 14.6, em 17.15. Ela é usada também pelo profeta Daniel no capítulo 3. 4,7, 96. Vê-se que o comentado hermetismo da obra jorgiana tem raízes numa linguagem bíblica, linguagem cuja exegese parece fugir à especificidade da literatura, se é que alguma linguagem escrita lhe pode escapar.

Tudo concomitante: o trono austero, os mares devolvendo seus cadáveres, retardatários ébrios cambaleando, as terras restituindo seus cadáveres, moribundos morrendo e despertando, os bosques entregando seus pendidos.

IO. VIII, estrofe 366

Nada foi junto às profecias, nada, porque nada se junta ao que é total por si, ao que há de vir, ao que é amanhã,

e já é hoje, porém, porque era tudo, tudo se via enquanto decorria a visão da verdade realizada.

IO. VIII, estrofe 367

A estrofe 366 se afasta mais do processo da montagem e parafraseia o capítulo 20. 11, que é o juízo final. Tem-se o "trono" e "um" que está sentado nele. O uso do pronome indefinido é uma forma bíblica e de Jorge de Lima para falar de Jesus Cristo. No canto I, poema XXXVIII diz: eu próprio matei Um, Herodes tantos. O mar que devolve os cadáveres é uma imagem típica do **Apocalipse**. Acrescenta a terra restituindo os cadáveres, os bosques entregando os pendidos, o fogo devolvendo os incendiados. Desde a publicação de **Tempo e Eternidade** que esta imagem já se encontra em "Ao Som da Sétima Trombeta".⁴

A estrofe 367 é uma resposta aos versículos finais do **Apocalipse**. Ao "se alguém lhes juntar (alguma coisa)" responde com "Nada foi junto às profecias". E justifica a intemporalidade de Deus mencionando as categorias de presente, passado e futuro. A teoria do palimpsesto de Jorge de Lima aparece bem clara nesta estrofe. No sentido metafísico-religioso o poeta tem consciência de que não cria mas copia. Daí

11 E vi um grande trono branco, e um que estava sentado sobre ele (...)
13 E o mar deu os mortos que estavam nele; e a morte e o inferno deram os mortos que estavam neles;

Apocalipse 20.11-13

18 Porque eu protesto a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro, que, se alguém lhes juntar (alguma coisa), Deus o castigará com as pragas escritas neste livro.

Apocalipse 22. 18

17 Graças te damos, Senhor Deus onipotente, que és, e que eras, e que hás de vir, porque assumiste o teu grande poder e reinaste.

Apocalipse 11. 17

tornar a repetir na última estrofe do canto VIII: Nada foi junto às profecias, nada.

Houve um instante em que o vozear babélico encolheu-se nas glotes, e um ar rubro de assombro abriu os olhos estagnados: desabara uma estrela num horário caduco, já esverdeado por absintos: dessa adstringente e amarga estrela morta.

IO. VIII, estrofe 369

Era uma estrela morta, estuporada, salpicando o restante do empoçado mar, com a sidérea carne corrompida, para ali despejada sobre o mundo, pútrida estrela agora contemplada, mas antes pregustada em nossas lábios.

IO. VIII, estrofe 370

Nas estrofes 369 e 370 encontra-se uma metáfora nuclear⁵ de **Invenção de Orfeu**, isto é, toda vez que se fala do anjo rebelde, do demônio, da queda de Lúcifer, de Lusbel, aparece a comparação com uma estrela cadente. O livro do **Apocalipse**, nesta passagem, está se referindo a uma das pragas, a terceira das sete pragas, mas Jorge a associa à queda dos anjos. "Esse arcanjo banido, desfolhando-se?" diz ele de Lusbel no canto I, III. No **Livro de Sonetos** há um que começa assim: SE ESSA ESTRELA de absinto desabar/ terei pena das águas sempre vivas. Ao absinto estão ligadas as qualidades de "adstringente e amarga". Na Bíblia se estabelece uma oposição entre o céu, lugar de Deus e dos eleitos x mar, terra, lugar do demônio e da perdição. Com esta metáfora está envolvida a concepção bíblico-cristã do pecado original, a queda do primeiro homem, a perda dos dons sobrenaturais, só restaurados pela salvação de Jesus Cristo. **Invenção de Orfeu** tem ligação com **O Paraíso Perdido** de Milton, onde o demônio é um quase herói, e o tema da queda dos anjos e do primeiro homem é fundamental.

Há também uma besta e um Anjo santo acelerados sobre babilônias. E o sétimo anjo a taça derramando: "Está feito". Fugira a ilha. E os montes, não achados, fugiram de repente, correndo tudo para a perdição.

IO. VIII, estrofe 380

10 E o terceiro (anjo) tocou a trombeta; e caiu do céu uma grande estrela, a arder como um facho, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas; 11 e o nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas converteu-se em absinto; e muitos homens morreram por causa daquelas águas, porque se tornaram amargasas.

Apocalipse 8. 10-11

17 E o sétimo anjo derramou a sua taça pelo ar, e saiu uma grande voz do templo (vindo) do trono que dizia: Está feito. (...) 20 E toda a ilha fugiu, e os montes não foram achados.

Apocalipse 16. 17-20

Nada foi junto às profecias, nada; mas através do Livro se avistavam as terrenas visões através das sacrossantas visões vistas na Ilha de Patmos por aquele que pendeu a fronte humana sobre Deus. Amém.

IO. VIII, estrofe 381

9 Eu João, vosso irmão e companheiro na tribulação, e no reino (dos céus) e na paciência de Jesus Cristo, estive na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

Apocalipse 1. 9

A estrofe 380 começa aludindo a três palavras, à **besta** (o Anticristo), ao **Anho** santo (palavra arcaica que significa agnus = cordeiro, Cordeiro de Deus), e **babelônias**. Para compreensão da sobrecarga de significação destes termos-chaves, devem ser lidos os capítulos 13, 14, 16, 17 e 18 do **Apocalipse**. Os quatro versos restantes da estrofe são montados sobre os versículos 17 e 20 do **Apocalipse**, onde a sétima taça derramada pelo sétimo anjo anuncia a queda de Babilônia e o fim do mundo. O canto VIII é explícito na referência à Ilha de Patmos, na sua última estrofe, que também finaliza com o mesmo termo do **Apocalipse: Amém**.

Esta é, em conclusão, a matéria de **Invenção de Orfeu**, a preocupação com o homem, sua vida e seu destino. Se, mecanicamente, o processo de montagem demonstra servilismo e dependência, por outro lado demonstra visão ampla e grande lucidez que se preocupa com a raiz da angústia humana. Este painel do Juízo Final não é fruto de improvisação e imperícia. Ele revela cultura, meditação e trabalho.

Bibliografia

1. BUSATTO, Luiz. **Montagem em Invenção de Orfeu**. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, 1978.
2. CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura européia e idade média latina**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1971, p. 342.
3. Mario Faustino foi um crítico dos mais lúcidos de Jorge de Lima. Entre 1956 e 1958 dirigiu o Suplemento Literário do **Jornal do Brasil** onde publicou uma série de artigos sobre o autor de **Invenção de Orfeu**. Aqui faz-se referência ao seu livro **Poesia-Experiência**. São Paulo Perspectiva, 1977, p. 268.
4. LIMA, Jorge de. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958, p. 401. v. 1.
5. Cf. BUSATTO, Luiz. op. cit. p. 96-7.